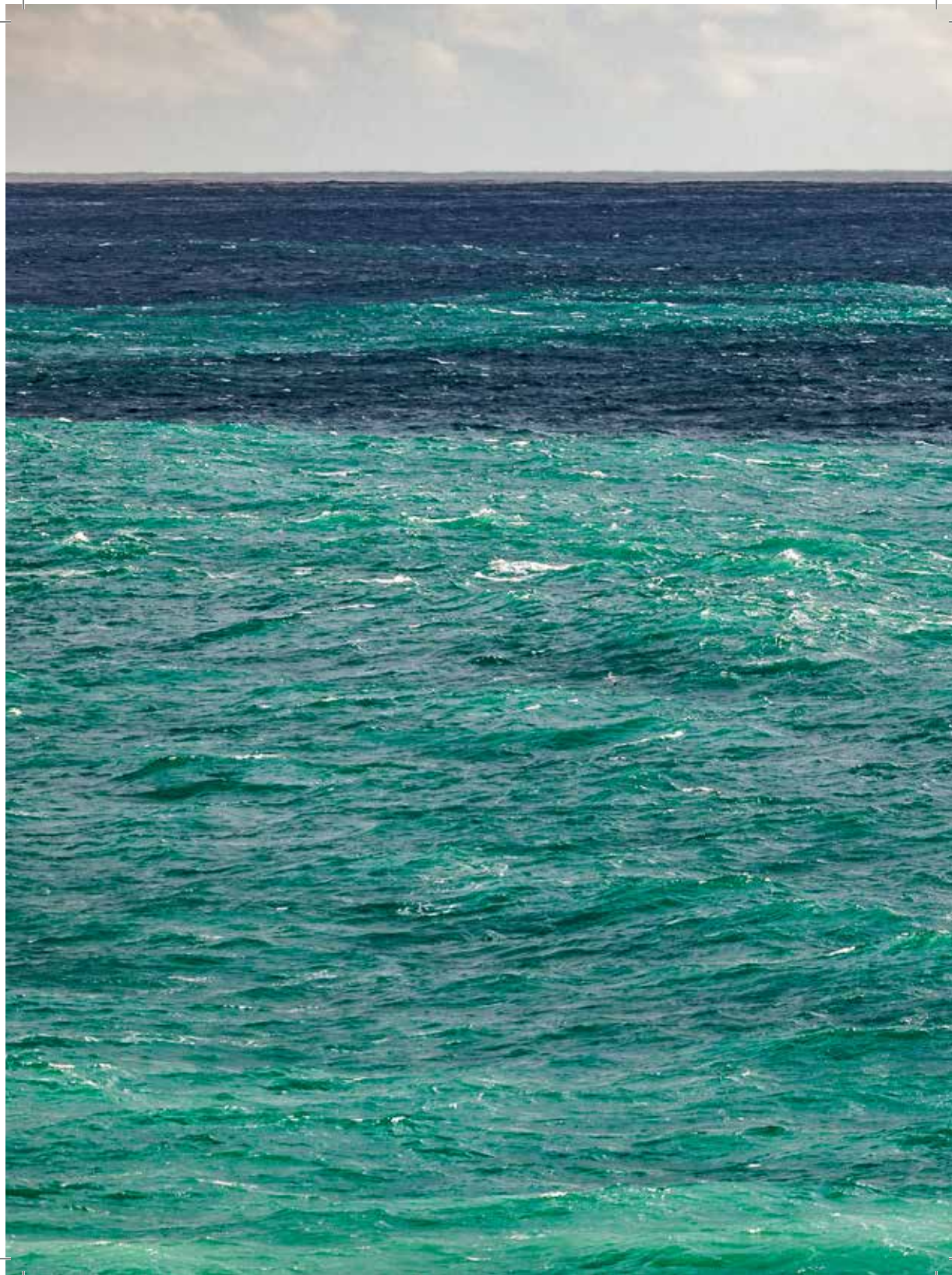
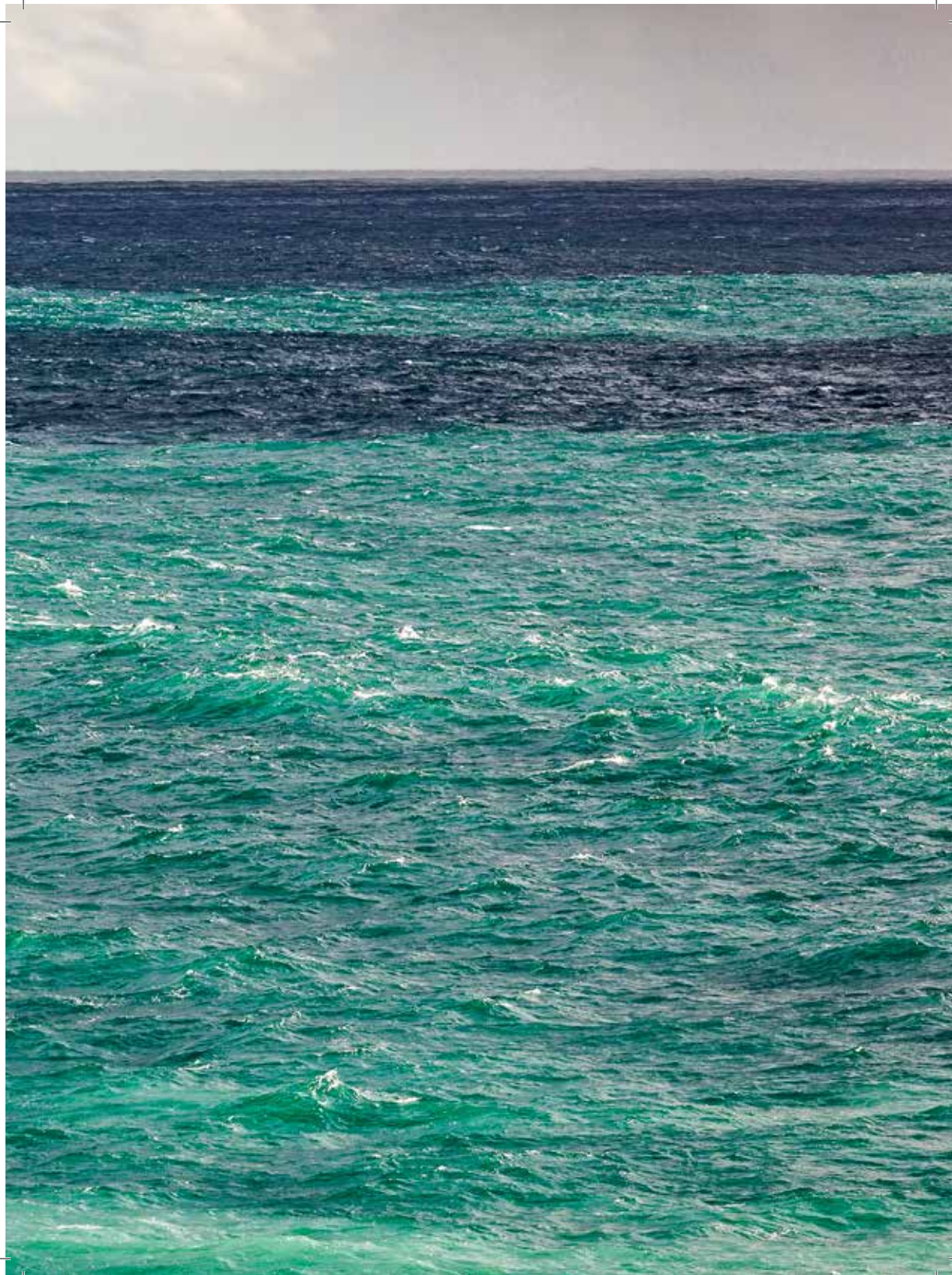


DA MINHA JANELA VEJO O MAR
MÁRCIO CATUNDA



FOTOGRAFIAS **OZIAS FILHO**





Do mirífico pontilhar de Niterói,
aos pés do sinuoso relevo,
até as pedras ocre do Forte de Copacabana,
o céu se debruça sobre a tarde anoitecida.
Borboleteiam gaivotas como pétalas
derramadas do manto glacial das nuvens.
A flor das águas exala extático esplendor.
A espuma borda o esmalte azul-turquesa.
O vento insufla a neblina intemperante.
Passeio, escutando o ritmo imortal
que embala a alma atormentada.
Entre o regozijo manso
e a dolorosa oscilação do sentimento,
o sereno milagroso da sombra estremecida.
Oh, poderosa flutuação de filamentos
que se precipitam em ardentes pulsações!
Filho do Tempo, doador do frêmito das mutações!
Na festa do ar e da luz,
tens no pulso a música das torrentes vertiginosas.
Magnífica miração de melodia.
Alegre, alado, aos ares elevado,
vem voejar no vento venturoso!
Giras os espelhos álacres em filigranas hialinas.
Bebo nas pálpebras a limpidez
com que afugentas os demônios.
A alegria devocional das crepitações.
Guarda o segredo do meu grito renegado!
Projeta na Aurora do presente
o prodigioso tumulto de sensações!
Abandono-me ao vento
na fulgurante fuga evanescente.
Sete graus de latitude sul,



sob o Trópico de Capricórnio,
Copacabana, bordada de espumas,
até o istmo onde começa Ipanema.
Respiro meandros de floresta e mar.
Quando a dorlência aflige os atribulados,
és o bálsamo vaporoso,
onde esvoaçam os humanos tormentos.
Primitivo pai do animal triste,
cuja infância ignora o peso sepulcral.
O que implora o teu murmúrio fraterno
viajará num navio silencioso,
mar de topázios diluídos!
Sob o céu cor de açucena, miragem de suavidade,
expandes a maravilha da tua aragem inebriante.
Sopras a energia vespertina como um soluço.
Desvelas a bruma do futuro
e escondes as longínquas cidades aéreas.
Na evasão dos teus clamores,
flui o acalanto que me consola.
Perfume velando a noite de refrigério,
orvalho que dilui as brumas deletérias.
Nevoeiro de espasmos desgarrados,
suscitas vendavais de vertigem.
Teus vórtices de furores lançaste
contra os barcos de Eneias.
Ao trânsfuga da ilha calipígia
arrancaste do leme,
nos escarcéus da procela.
Teu ímpeto indômito bradaste
contra o Gama intrépido,
que o tremor da tua voragem cometeu.
Que importa, agora, se tudo voltará a ser nada?



Lavas a alma da mágoa na viagem mutante.
Flutuas, sem expectativa,
imensa lágrima musical!
Reverbera volátil a votiva festa do dia!
Canta, exclamação, à graça das virações!
Oh Grande exorcista,
os infernos atravesso
para chegar aos pés dos teus eflúvios!
Aos teus pés aprendo o que será.
A melodia que entoas,
forjador de revoadas,
reitera a tua fervura pletórica,
abrupta jazida flamejante, suave policromia.
Em aliança com a doçura da tarde,
derramas o teu clarão magnético
sobre o meu silêncio anoitecido.
Na esmaltada esplanada diamantina,
teu cântico de vagas fluorescentes
limpa o mundo da infâmia.
Embalas o homem taciturno
com o generoso abraço da tua dança buliçosa.
És liberdade, represa do vento!
Cinges, com teu benfazejo lençol,
a cara repugnante do continente dolorido.
Reconstituís o chão intempestivo do que sou.
Soas em mim os delicados nervos da melodia.
Tua serena expansão inspira-me
o prazer de andar em silêncio,
na quietude em que me basto.
Com o som das conchas,
eco do teu crepitar inebriante,
coroas de flocos esvoaçantes



o enlevo da tua brandura.
Reconfortas a indecisão que respira,
anestesiando as sensações
do exílio de um visionário.
Que Éolo e as Erinias não conspirem,
até que os desenhos luzentes
se configurem no firmamento
imantado de tênues clarividências.
Contemplarei o teu dilúvio sereno,
sem o veloz impulso das surpresas.
Escreverei, à maneira do cultor da beleza,
que tem a idade do sonho quando te celebra.
Sinto contigo a leveza indiferente,
com que abres infinitas portas aos ventos
e, em cavernas insondáveis,
ocultas a noite clara dos abismos!
Arejas a transparência,
no ritmo do jorro majestoso da espuma
de que brotou Vênus-Iemanjá,
apesar do homem ex-machina.
Sacias a sede aventureira do peregrino
que tuas ondas reconfortam.
No instante de trégua, hora de harmonia,
diante da fímbria do crepúsculo,
choro contigo e tu me entendes o sentimento.
Contigo medito em estado
de absoluta concentração
e tu me entregas as palavras extremas.
Acendes o espectro do fogo prateado,
a lua das emoções e a confiança do perdão.
Deito-me sobre o silêncio dos teus asteroides.
Ês a cama de cristal cósmico







das minhas impressões oníricas.
Antes que a noite ambígua
termine a festa das sensações,
decifro a verve química do tempo
com os sentidos da tua eloquência!
Iluminado em meu devaneio, corro,
exaspero-me e viajo para entregar-te
a memória, mar consolador!
Trazes de volta o perdido.
Na vigilância da tua razão divina,
teço graças reverenciais:
jazida de jade no louvor de dizer delícias,
aliança entre o prazer desafiador
e a fortuna que o alimenta,
alegria à altura das escarpas,
circuito de signos que os pássaros cingem.
Mar disperso,
lavando as ilhas na instabilidade imaginária.
Momento único.
Improrunciado. Impressentido.
Contingência inaugural.
O imponderável. Tudo o que é e não é.
Metáfora metafísica. Miragem. Verbo.
És onde o tempo surge a favor de si mesmo.
Anuncias estátuas de argila,
estrelas de leite e pétalas de púrpura.
Venho, com o astrolábio da chegada,
beber os liquens prometidos
pelas delicadas nereidas.
Sonho, ouvindo a orquestra dos teus revérberos
e a insigne fábula do teu despojamento.
Praia aberta de luminoso véu,



sopro nos poros e nos alvéolos,
cintilante sal violeta,
vento voluptuoso que me leva!
Até quando contigo irei,
irisado pelo teu borbulhar,
mar coroadado de navios?
Antes que Átropos corte o fio
desta manhã velada,
eis-me, pastor do teu rebanho íntimo,
mar inexorável!
Forjas em mim a alta linguagem das coisas infinitas.
Aceita minha oferenda, mar benevolente!
Minha certeza de ter em cada célula
uma gota do teu ser, minha comoção.
Contigo estou e contigo vou,
onde me levem as horas.
Vamos vertebrando oscilações.
Só o tempo da tua visão não é perdido.
Diante do voo reiterativo das ondas paradisíacas,
digo sim às vertentes inusitadas.
À orla suave da enseada,
imerso na nevada cachoeira,
contigo restauro o que se dispersou.
Acaricio as crinas aveludadas
do musgo de tuas pedras,
folhas de alga em tessitura de água marinha.
Encantei-me, com o nácar esverdeado
das eternas e renovadas vagas.
Deito-me, sedentário,
para o ritual do desnudamento
e a recepção da benção das águas.
Chego, do mundo submerso,



à fervorosa insônia.
Navego no tempo, fora do teu útero,
chuva encimada por lava relampejante!
Espero a tua realidade
que vem das esferas inimagináveis!
Alumbrador afã de alto astro,
mar mediador, maleável,
vibra veloz na vã, vivaz viagem.
Aceita a pseudo-oferenda
dos meus frutos outonais!
Atendo ao chamado
das tuas fugazes formas viventes,
impregnado de aroma fosforescente
e ébrio do vinho dos teus orvalhos verdes e azuis.
Diviso a curvatura vibratória
nas explosões da espumante efusão.
A floração de gineceu
nos passos sedutores de tuas mulheres,
mar dissoluto,
enevado de quietude e sonho.
Palmilho o oásis do teu dia onírico.
O verão propicia a aparição das filhas de Netuno.
A magia da tarde as transforma
em orquídeas douradas.
Há uma planície de ouro
além da pedra encantada do Arpoador.
Como um mito debruçado
na serena transparência;
um rochedo de esplendor.
As florestas e as montanhas,
o relevo verdejante...
Praia de Ipanema, permaneço livre



no êxtase do instante.
Na tarde calma,
enquanto o tempo me entrega este momento,
sombra serena, jardim de paz,
tudo é certeza na luz da natureza.
O mar, que me seduz de alumbradora perplexidade,
injetou em mim o azul frenético de sua magia
estonteante e agora
eu cobiço orgasmos líquidos
nas feições de seus moluscos libidinosos.
Quando, enfim, visitarei o invisível?
Que revelam tuas vozes divinatórias,
na iminência do meio-dia nel mezzo della vita?
Tu, só tu, adivinhas
com os deuses das cidades místicas!
Vaticinas a palavra marítima
contra a nossa falácia.
Tua lógica esotérica, tua semântica,
a poeira glacial do teu sopro despojado,
água sedativa,
remédio de pensamentos puros.
Deus longo: assimilo a dispersão
com que me reintegras os sentidos.
Vem dizer-me que sou fantasma de mim mesmo.
Vem, com os teus remotos sinos metafísicos.
Vem com a mutação da espuma em maresia!
Até quando a tua face alumbrará
a ilusão a nossa luta lúdica?
Os montes se reclinam
nas tuas bordas incontornáveis.
Saboreio a espantosa doçura
das esvoaçantes flores brancas.







Escuto os sussurros dos redemoinhos,
peregrino visionário das sinestesias.
Vejo, com os teus olhos,
o ácido diáfano com que avanças incandescente,
narrando a fábula do nosso nascimento:
arco-íris, relâmpago da Via Láctea.
Grande salão solitário, clareira lacrimal flamejante.
O prazer é uma liberdade atemporal.
És a intimação das delícias.
Alegria nas hélices ondulantes
do teu voo de esmeralda.
Lavo a alma no sopro vivificante.
No horto de cinenária e âmbar,
onde as Parcas não penetram,
o dia livre não tem preço.
É a própria fortuna.
Suave deslizar no assoalho volante.
Venerável velejaçãõ.
Vem, leviana ilusão!
Manto azul que o vento eriça,
levando e trazendo vozes e memórias.
Pertençaõ ao teu tempo inaugural.
Em teu louvor, o céu clareia o espelho de prata
e afugenta a melancolia do dia.
Mar hierofante, mar cosmogônico,
cinge-me com o teu colar
de flocos em disseminação!
Embala-me com o acalanto
da tua voz de brandura expectante.
Lápis-lazuli nos minutos da espreita da névoa.
Oxigênio de alívio na minha claustrofobia,
fósforo de mansuetude,



trazendo sombra à minha ansiedade.
Vejo-te sombrio, sob a gaza
que se esfuma na lisa espessura da amplidão.
Tão semelhante a mim,
tão indizível no extravasar da emoção,
tão dolente e tão regozijado,
para além das agressivas alas da angústia!
Rezo em teus altares, caminho, longamente,
ao redor de tuas inconcebíveis praias.
Recitas para ti mesmo
a ode da invenção do homem.
No solstício em que te contemplo,
tu me nutres com o sal da sobrevivência.
No meu rito sobre as pedras,
aberto ao mistério da noite,
que posso, além de peregrinar penitente,
à margem dos teus caminhos,
fruindo a tua exuberância exultante?
Almejo-te, acalanto arrebatado.
Marulha o minucioso manancial.
No vórtice, velado, vem vagando na viração,
virente, vaporoso.
Vem viajar...
Quando me permites
a exclusiva contemplação do teu esplendor,
mar de volúpia furtiva,
brumoso horizonte de prazer,
és outro, és enlevo, mística esperança!
Mar franjado na distância enigmática,
afetuoso, quando tuas aragens nos beijam;
quando soluçamos, cansados de angústia
e recorremos ao teu afago benevolente.

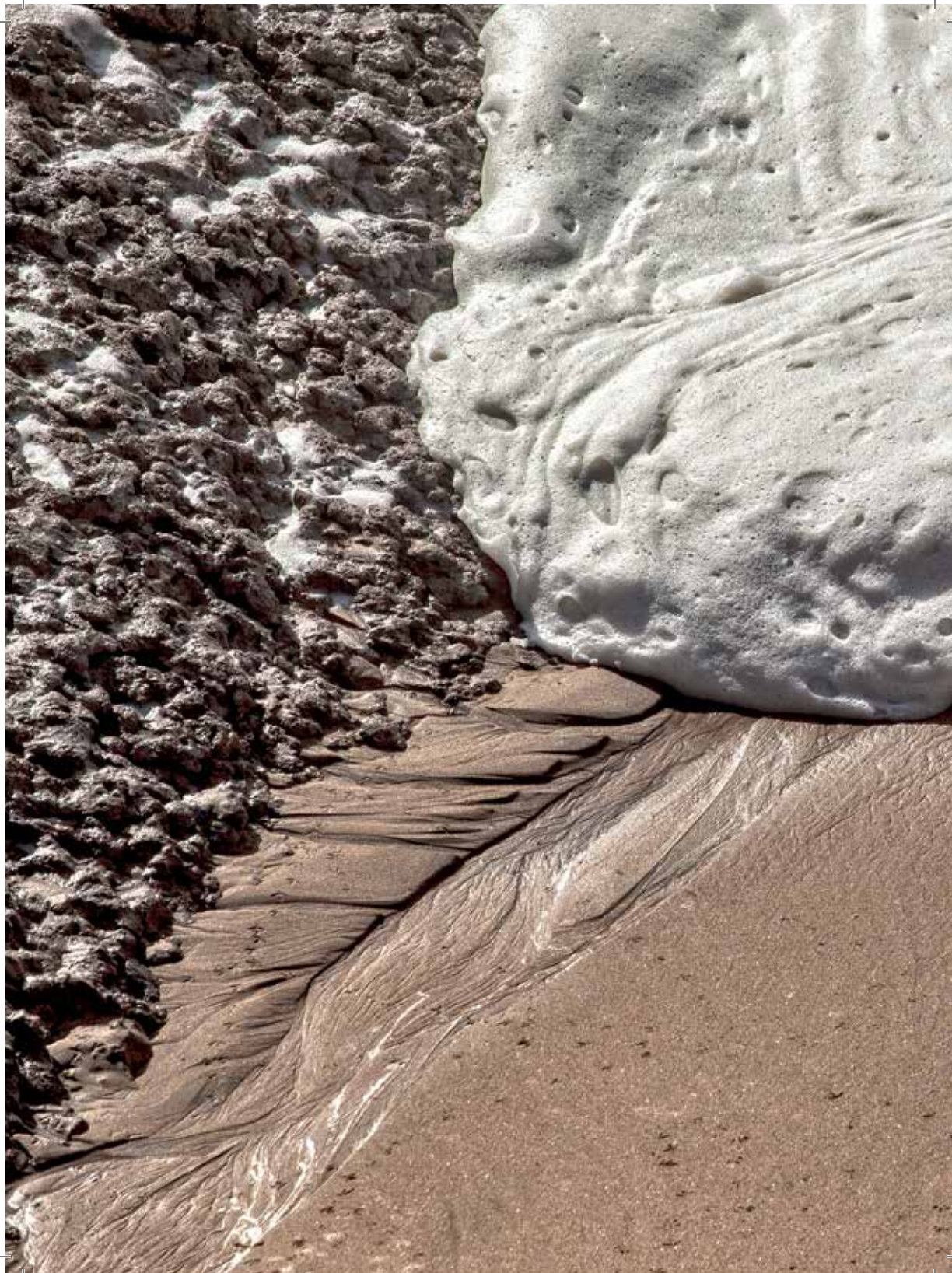


Cúmplice da realidade com que te vejo,
ó beleza exata, na sensação de que me vês!
Enfim, meu sacrifício trégua encontra
em tua plenária indulgência
e meu coração repousa
no teu perdulário espaço.
Que segredos guarda o amanhã?
Pergunto pelo sentido metafísico
desse medo que estremece,
acordando em mim um delírio de instabilidade.
Ânsias e afeições sobrevoam
na viagem ao mar desconhecido.
Ao teu redor luzem muralhas de antigas fortalezas,
promontórios e falésias carcomidos pela erosão.
Teu horizonte simboliza minha perplexidade
diante do tempo.
Fertilizas a terra
para que floresçam as plantas sedativas.
Evocas a voz do infinito
que vem da distância absoluta
e ressoa na minha solidão.
Na hora aventureira,
o pensamento imerge docemente na imensidão.
Os navios dizem da espiral do eterno retorno.
Quando dormes à sombra clara,
o teu reflexo na expansão suscita recordações
de um tempo em que eu escutava
teu rumoroso ondular na noite do passado.
Tuas harmonias me fazem sonhar
com viagens ao país
onde a tristeza se submete à ebriedade.
As águas cantam, sussurram e suspiram,



no momento iluminado da tarde translúcida.
As ondas pranteiam o sopro mavioso
que tange as estremecidas cordas eletromagnéticas.
Venturoso vou,
no perfume transparente do vento.
Vejo o cristalino pântano,
emanação de todos os seres,
profusão vibratória em que as pedras flutuam.
No sagrado instante de quietude,
regenera-se o tecido psicossomático.
Bebo a água da minha destilação purificadora.
Nos espasmos das vagas, pulsa o universo.
Mar sideral, ôntico, macrocósmico,
imponderável abismo
povoado de moluscos, crustáceos, anfíbios,
algas e líquens, entre as infinitas vidas minerais.
Substância original de toda a alquimia vital.
Lua no céu, purificando os páramos,
refletes elétrons nas sombras que velam por mim.
Deixa-me repousar
no teu terapêutico litoral de calma-ria,
no marulho que murmura e sereniza,
imerso em delectações.
Sob a redoma colossal de tuas prerrogativas,
ó protagonista do gozo que propicias,
transbordam em mim
os ecos de tua autossuficiência.
Autor de ti mesmo, quando,
na epifania dos dois mundos, sem mácula,
soberano por beleza
e virtuoso por aprazimento,
despejas labaredas







no véu diáfano de beatitude perpétua.
Contemplo-te, serenamente,
vasto na policromia crepuscular.
Sefirot de safira, vens espalmando luz,
íntegro e repleto de ti mesmo.
Zéfiro do zênite, aureolado de farândulas.
Contemplo, da varanda enredada de ramificações
esmeraldinas, tua manifestação
implícita na memória.
Para onde vou, desgarrado,
senão à enseada do teu fulgor,
onde flui o flúor do florescimento,
o luxurioso fluxo lustral?
Oh glorioso Poseidon,
tu conheces a magnitude do meu empenho
e velas por mim,
quando a noite se aproxima.
Saio das repugnantes cavernas
para o teu fabuloso teatro purpúreo,
que as nuvens tingem de róseos lustres.
Embalas a rosa dos ventos
com a álgebra dos signos peregrinos.
Dobras, alegremente, a franja das espumas,
onde os anjos se molham de leveza.
Surges, todo clarificado em ritmo,
como a chuva da nuvem que chora.
No horizonte distante,
que vai aonde não há mistério,
teu infinito voga.
O vento das transformações
reside no teu corpo elástico,
polida pele brilhante,



estampa voltada para a limpeza do céu.
Cruzo o mundo
para saciar minha sede de ser água azul,
repleta de madrepérolas, aljôfares
e diáfanos cristais ondulantes.
Só me resta confiar,
esperando as boas calendas,
enquanto a noite com a cor do abismo
tinge os graves tons da areia.
Venho colher as flores do teu vergel celeste.
De viva esperança,
respiro o orvalho diluído de tuas inflorescências.
Bendita seja a sombra afetuosa da tua guarida, inventor
da beleza, cosmonauta da magnificência,
terapeuta dos meus transtornos,
exorcista de todo o sofrimento,
na conjuração do teu sedativo campo matizado!
Nutriente vital dos meus órgãos sensitivos:
do moinho das glândulas, do funil do esôfago,
do engenho de toda a estrutura biológica.
Sei que um dia me libertarás do cativoiro,
guia dos esperançosos.
Dirijo-me, pela luz de tuas fagulhas aquíferas,
à grandiosa efervescência
que rumoreja dentro e fora de mim.
Luzeiro lúdico, minério inebriante,
moldura de arquétipo evasivo.
Sorriso de luz nos verdes arrecifes.
Céu dobrado, fragmentado
na tessitura das margens,
pelo tropel do Pégaso,
pegado ao Pélago,







no aeródromo de castelos flutuantes,
luminar do firmamento.
A cor da saudade te azuleja
na cidade amuralhada,
arco dourado pela lâmpada amarela do crepúsculo.
Luz intensa que longamente fitamos,
reflexo da clareira circular,
na hora da visão suave,
alegres águas que cantam.
Caudalosa luz de ouro diluído,
trilha de ondulante fulgor,
voz líquida do infinito,
sonoro espelho semovente
que o vento energiza com a teia volátil da tarde.
De março a setembro,
eu enalteci teu nome, altissonante fábula!
Cruzei escabrosos umbrais,
áridas veredas palmilhei
e afrontei tenebrosos perigos
para sentir o lânguido clamor
dos teus espasmos vigorosos:
os corais batidos de palmas de espuma,
o afolivo das ondinas turbilhonantes,
a bruma fugidia na circunferência
que esmaece na penumbra descolorida do ocaso.
Os barcos que viajam sem movimento,
com os argonautas transidos
dentro da placidez visual.
Passarela fantástica.
Anoitecida neblina de outubro outonal,
charco envolto em tule na esfera inconcebível,
afortunado númen tenebroso,



vasta fuga ao portal do enigma.
Noite espessa, e sempre dia,
no teu rastro inaugural.
Tudo é certeza nos fluidos
da tua planície de ágata e berilo.
És alegria em mim,
nas dobras buliçosas
de tuas filigranas viageiras.
Grande jardim, gritando
à luz do vento que se levanta;
exposto, talvez, como eu,
à chama da maré desconhecida.
A fragorosa luz
que te alenta imerge nos meus sentidos,
como lâmpada de lampejos reconfortantes.
Fervoroso vigor que nutre a alma
e enaltece a solidão do homem compadecido.
O teu sorriso de lágrima clarividente
é o conceito pelo qual medimos todas as coisas.
Rutilância longitudinal,
noite trazendo o perfume da tua enlutarada brisa.
Bendito seja o clarão dos teus espasmos,
ó vigoroso prodígio!
Férvido langor.
Sorvedouro da vastidão turbilhonante.
Luz de afago
que tange a fímbria flórea do crepúsculo!
Diante do teu lenitivo coruscante,
venero o segredo enternecido que entoas,
imortal limpidez que tudo eterniza,
toldando a brasa de júbilo das águas.
Transfiguras em sombras





o fosfóreo fluxo fragoroso,
perpetuando o embalo fugidio,
em que cismo, caminhante fortuito,
respirando o alento úmido da obscuridade
que se fez lampejo de regozijo.
O motor da natureza vem me tranquilizar
com o potencial magnânimo dos teus mergulhos.
Escura é noite do abismo,
arauto doador de resina espiritual!
Lastro canoro do milagre!
Plácido vitral coloidal
que as miríades noturnas encharcam!
Claustro de veludo nebuloso.
Cantarei, eternamente,
a tua clâmide votiva, mar fugitivo.
Mar venerando de desvelada velocidade.
Amargo e doce mar,
que reverencio na difícil quietude,
venho sentir a altíssima calma
da tua solidão azul.
Anoitece, anoitece,
mas a manhã não tarda, mar inominado!



MÁRCIO CATUNDA
B I O G R A F I A



FICHA TÉCNICA





ALDEIABOOK
o mundo começa em casa